

Autora: Eduarda Lima de Oliveira  
Orientadora: Denise Falcke

**Introdução:** A violência conjugal, por muito tempo, foi entendida como um problema apenas do casal, baseado no contexto histórico que apoiava que em “*briga de marido e mulher ninguém mete a colher*”. Porém, a partir dos movimentos feministas, começou-se a pensar nos prejuízos causados pela violência, majoritariamente sofrida por mulheres, partindo de uma perspectiva de vítima e agressor. No entanto, sistemicamente entende-se a necessidade de pensar de forma mais ampla, buscando entender de forma interacional os contextos violentos, assim como os fatores que podem influenciar na sua ocorrência, dentre eles o gênero. As experiências na família que se nasce interferem nas relações posteriores dos sujeitos (Colossi, Marasca e Falcke, 2015; Paim & Falcke, 2016), podendo levar a transmissão transgeracional da violência.



Violência  
conjugal

Qualquer agressão que gere dano a integridade ou a saúde física do sujeito (Coelho & Silva, 2014).

**Objetivo:** Verificar o poder preditivo de experiências na família de origem, esquemas iniciais desadaptativos, amor, ajustamento conjugal e clima familiar para a vitimização física no relacionamento conjugal.



## Método

Trata-se de um estudo quantitativo, com delineamento correlacional e explicativo. Participaram 186 homens e 186 mulheres, com idades entre 19 a 81 anos. Os instrumentos foram: Questionário de Dados Sociodemográficos; Subescalas do Family Background Questionnaire – FBQ; Inventário dos Esquemas Desadaptativos – IEDs; Escala Triangular do Amor - ETAS; Dyadic Adjustment Scale – DAS; Inventário do Clima Familiar – ICF; Revised Conflict Tactics Scales - CTS2. Os dados foram analisados no SPSS 22.0, por meio de análise de frequência, correlação de Pearson e análise de regressão através do método *stepwise*.

## Resultados

Variáveis preditoras de violência física sofrida por **mulheres**

Variáveis do modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		
	B	Erro padrão	$\beta$	T	p
Conflito familiar	0,354	0,076	0,608	4,655	0,000
Intimidade	-0,058	0,025	-0,302	-2,312	0,027

Variáveis preditoras de violência física sofrida por **homens**

Variáveis do modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		
	B	Erro padrão	$\beta$	T	p
Esquema de desconfiança e abuso	0,336	0,074	0,644	4,535	0,000
Aliança parental	0,083	0,030	0,389	2,760	0,010

O modelo feminino explicou 67% da violência sofrida, enquanto que o modelo masculino foi explicativo de 73%.

## Discussão

As relações familiares possuem influência na construção da conjugalidade. Assim, entende-se que relações abusivas na infância podem ter repercussão na vida adulta (Marasca; Colossi & Falcke, 2013), o que, neste estudo, foi observado na vivência masculina. Quanto aos esquemas de desconfiança e abuso, Young (2009) aponta que sujeitos com esse esquema tendem a buscar por parceiros abusivos, pois acreditam que os outros irão magoá-los ou desprezá-los, sendo a vitimização uma forma de manter o esquema. Além disso, a coalizão parental indica a presença de violência no relacionamento conjugal dos pais, modelo de relação aos filhos, evidenciando a transmissão transgeracional da violência.

No caso da vitimização feminina, características dos relacionamentos atuais (conflito familiar e intimidade conjugal) foram as variáveis preditoras. No contexto conjugal, maior intimidade se relaciona, muitas vezes, com maior permissividade para comportamentos abusivos, enquanto que o conflito familiar transbordar para a vitimização feminina pode ser reflexo ainda da culpabilização da mulher pela dinâmica familiar.

**Considerações finais:** Falar de violência ainda pressupõe a ideia de agressor e vítima. Assim, pensar em homens e mulheres com posições mais dinâmicas no contexto de violência é o que precisa se tornar mais corriqueiro, considerando os índices de violência reportados nos estudos. A literatura já evidencia uma perspectiva bidirecional da violência, em que tanto homens como mulheres são perpetradores (Falcke et al., 2009; Oliveira & Souza, 2006), o que coloca em pauta a necessidade de investigações que considerem mais fatores relacionados a estes comportamentos agressivos tendo em vista o funcionamento social e psíquico destes sujeitos.